

A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS PARA O ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: SOBRE 'MANOBRAS' E DIFERENTES APROPRIAÇÕES DOS TREINOS

Maitê Venuto de Freitas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Marco Paulo Stigger

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo

Este trabalho busca compreender 'como' e 'por que' uma criança específica se mantém em uma equipe de Ginástica Artística que visa ao alto rendimento. A partir de observações sistemáticas durante nove meses na rotina de treinos da ginasta e da realização de uma entrevista semiestruturada com a mesma, foi possível identificar quatro aspectos sobre a maneira como ela vivenciava os treinos: 1) experimentação dos limites e das possibilidades dos movimentos do seu corpo de ginasta; 2) participação não passiva nos treinos, marcada por tensões; 3) construção de vínculos de amizade; 4) experiências para além da prática esportiva. Com base nos resultados do estudo, questionamos algumas críticas presentes na Educação Física sobre o esporte de alto rendimento na infância.

Palavras-chave: criança; infância; Ginástica Artística; esporte de alto rendimento.

Introdução

Este trabalho estabelece um diálogo entre um tema de interesse da Educação Física, o esporte, e uma linha de estudos da Antropologia, a Antropologia da Criança. Nele, apresentamos um recorte de uma pesquisa que busca entender como crianças atletas são formadas e quais os significados que as crianças atribuem ao esporte de alto rendimento e a sua própria vivência nesse contexto.

Ao desenvolver uma revisão bibliográfica no campo da Educação Física sobre a temática: esporte de alto rendimento na infância, foi possível perceber algumas abordagens recorrentes, como - e de forma especial - a detecção de talentos e a crítica à especialização precoce. Sobre a primeira, muitos estudos buscam identificar os perfis físicos, psicológicos e sociais das crianças para o desempenho de determinados esportes (BÖHME, 2007). Já no que se refere às críticas à iniciação esportiva precoce, destaca-se a perda da ludicidade e os prejuízos no desenvolvimento físico, emocional e social pelas altas cargas de treino, cobranças e afastamento da escola (KUNZ, 1994).

No que diz respeito às críticas direcionadas ao esporte de alto rendimento, foi na década de 1980 que essa temática esteve sistematicamente na pauta dos debates da Educação Física brasileira. Nesse período, surgiram estudos que se basearam em uma perspectiva crítica, sustentados por autores das ciências sociais. Para essa vertente de pesquisadores o esporte praticado na escola e nos momentos de lazer era um produto da sociedade capitalista, o qual possuía uma lógica demasiadamente competitiva, reprodutora de normas e valores dominantes, alienantes e excludentes (STIGGER, 2009).

Embora se reconheça que o tema não esteja mais sendo debatido com a mesma força atualmente, e que houve avanços no sentido de relativizar a ideia do esporte enquanto uma manifestação homogênea¹, quando o assunto é esporte de alto rendimento, muitos autores ainda desenvolvem as suas análises a partir de uma perspectiva crítica. Nessa direção, a dor, as lesões, a técnica enquanto um aspecto disciplinador e alienante, assim como a busca desenfreada pela vitória, são algumas das críticas recorrentes (GONÇALVEZ, 2007; TORRI; ALBINO; VAZ, 2007; GONÇALVEZ; VAZ, 2012).

Quando o assunto é crianças no esporte de alto rendimento, a crítica se torna mais dura. Isso fica evidente na pesquisa etnográfica desenvolvida por Boaventura (2011), na qual a autora busca compreender o processo de educação dos corpos de atletas da Ginástica Rítmica. Além de perceber as crianças como sujeitos que não compreendem a seriedade daquele contexto, a autora as considera reprodutoras de normas, quando afirma: “ao serem educadas, as crianças conformam certo padrão externo relacionado aos seus sentimentos e condutas. As atletas submetem-se às normas e ordens estabelecidas pelas treinadoras, sem questionarem a posição delas”. (BOAVENTURA, 2011, p. 138).

Diante do que foi exposto e guardadas as especificidades de cada estudo, é possível perceber duas maneiras de olhar para o esporte de alto rendimento na infância. Uma delas demonstra um caráter prescritivo, cujas contribuições estão em torno dos aspectos do desenvolvimento físico e técnicas pedagógicas na perspectiva de ensinar, de forma adequada e eficiente, o esporte para as crianças. A outra está bastante pautada por uma ideia de criança passiva, e um tanto quanto vítima, de uma lógica opressora do esporte de alto rendimento.

Diante dessas produções acadêmicas sobre o esporte de alto rendimento na infância, entendemos que pouco - ou quase nada - é tratado sobre como as crianças se veem nesse contexto. Foi a partir desta inquietação que encontramos nas leituras advindas da Antropologia da Criança uma possibilidade de realizar uma inversão de foco e direcionar o olhar para as crianças compreendendo como elas representam o esporte de alto rendimento, e como vivem/convivem nesse contexto do qual fazem parte.

A infância, por essa corrente teórica, é vista como um modo particular de pensar a criança. Na Antropologia da Criança, acredita-se que existe relativa autonomia do mundo infantil, ou seja, uma forma particular das crianças pensarem. Nessa perspectiva, não é negada a característica estrutural do contexto social, mas, sim, é alertado para o fato das crianças também serem produtoras de relações estabelecidas entre elas e seus pares e entre crianças e adultos. Nesse sentido, elas também são produtoras dos sistemas simbólicos que vão compor a sociedade em que vivem (COHN, 2005).

Nessa direção, a questão central desses estudos é entender como as crianças formulam os sentidos que dão ao mundo em que vivem, pois se acredita que as crianças elaboram sistemas de significados complexos que não necessariamente são iguais aos dos adultos. A Antropologia da Criança não nega o atravessamento entre as culturas dos adultos e as culturas das crianças, pois as interações se cruzam e são construídas em conjunto. Porém, para esses teóricos, isso não justifica colocar as crianças em uma posição de sujeito incompleto e com entendimento limitado sobre as coisas e o mundo.

Com base nestas reflexões, e pensando na possibilidade de olhar para as crianças atletas também como sujeitos ativos no contexto, o objetivo deste trabalho é compreender, dentro de um processo de formação de ginastas, ‘como’ e ‘por que’ determinada criança vem se mantendo no contexto esportivo do qual faz parte. A partir dessa compreensão, buscaremos estabelecer diálogos entre a Antropologia da Criança e alguns estudos no campo da Educação Física que questionam diversas características do esporte de alto rendimento. Para buscar este

¹ Sobre esse debate, Stigger (2011) apresenta algumas manifestações esportivas no âmbito do lazer que expressam a heterogeneidade do esporte.

objetivo, escolhemos analisar um caso particular de uma criança que participa da equipe estudada.

Metodologia: o campo de pesquisa

Para o desenvolvimento desse trabalho foi utilizado o método etnográfico de investigação, tendo como *locus* um clube esportivo da cidade de Porto Alegre/RS. Dentre as ferramentas utilizadas na etnografia, escolhemos a observação participante e as entrevistas semiestruturadas. A observação se caracteriza pela presença sistemática do pesquisador na rotina de um grupo ou indivíduos que deseja pesquisar. A partir dessa observação, é possível desenvolver descrições densas das relações sociais estabelecidas no contexto da pesquisa. (GEERTZ, 1989).

Acompanhamos durante dez meses, de março a janeiro de 2015, com frequência aproximada de duas vezes por semana no turno da tarde (de duas a quatro horas por dia), uma equipe feminina de Ginástica Artística (GA), composta por dez meninas entre oito e 12 anos. Durante esses meses, participamos da rotina de treinos das atletas, assim como das competições e também de algumas viagens. A ginástica artística era um esporte estranho para os pesquisadores, e foi a partir do mergulho nos treinos de “perto e de dentro” (MAGNANI, 2002, p. 17), identificando, descrevendo e refletindo sobre os aspectos daquele contexto, que pudemos compreender o processo lento - e, por vezes, dolorido - da formação cotidiana das meninas como ginastas. É importante destacar que o tempo necessário para desenvolver uma pesquisa etnográfica depende da saturação dos dados no campo.

Além da observação participante, desenvolvemos, ao final dos dez meses, 12 entrevistas semiestruturadas, 11 com as atletas e uma com uma das treinadoras. A entrevista semiestruturada foi composta por perguntas amplas, as quais deram margem para o entrevistado dialogar livremente sobre o tema investigado. Segundo Burgess (1997), as entrevistas possibilitam o acesso às informações que não foram esclarecidas apenas com as observações, servindo como um complemento para a pesquisa, ou ainda, podem ser utilizadas para a obtenção de detalhes sobre situações não presenciadas pelo pesquisador. Nessa pesquisa, as entrevistas tiveram uma relevante importância, uma vez que o contexto pesquisado possuía regras de conduta bem estabelecidas, o que não permitia que as crianças tivessem muitos momentos de descontração e mesmo de conversas com os pesquisadores. Dessa forma, os contatos mais efetivos não eram frequentes durante a realização dos treinos, mas sim antes e depois da rotina de trabalho das meninas.

A rotina de treinos das meninas era intensa. A primeira vez que entramos no ginásio nos surpreendemos com a quantidade de crianças praticando GA. Meninos e meninas, entre seis e 12 anos, treinavam no mesmo ambiente em grupos separados e com diferentes treinadores. O que mais nos chamou a atenção foi a forma com que os treinos eram conduzidos: abdominais, elevação na barra fixa, escaladas em cordas, alongamentos, entre outros exercícios bastante comuns em aulas de academias. Além dos exercícios direcionados para o desenvolvimento da força e da flexibilidade, muitas acrobacias eram realizadas, as quais causavam a nossa admiração pela estética e pelo nível de complexidade. Os treinos da equipe feminina aconteciam de cinco a seis dias por semana, quatro horas por dia e eram ministrados por três treinadoras.

Semelhante ao que Wacquant (2002) encontrou no *gym* (academia de boxe), nos primeiros contatos que tivemos com o ginásio da ginástica artística, foi inevitável a sensação que estávamos entrando em um local que se parecia com uma ‘oficina do corpo’. Estávamos assistindo a produção de corpos fortes, flexíveis, ágeis, coordenados e disciplinados. No entanto, ao entrar no ginásio e acompanhar de perto os treinos da equipe feminina, percebemos que não apenas corpos estavam sendo formados, mas também maneiras de ser

ginasta. “Ginasta é exibida”, “ginastas tem que ter pose bonita”, “cadê a postura de ginasta?”, “sorriso no rosto para apresentar a série”, “delicadeza”, “leveza”, eram algumas frases e expressões repetidas pelas treinadoras durante os treinos enquanto as meninas desenvolviam a sequência dos seus movimentos.

Além de identificarmos que no processo de formação das atletas era necessário também aprender a se comportar como ginasta, foram necessários aproximadamente três meses de observações sistemáticas para percebermos que os treinos não eram completamente harmônicos, embora fossem marcados pela disciplina e pelo controle por parte das treinadoras. Assim, existiam momentos de tensões, negociações e atuações das ginastas. Para mostrar essas dinâmicas que estavam presentes no contexto esportivo estudado, apresentaremos abaixo um caso de pesquisa.

O protagonismo de Míriam

Ao acompanhar² de perto as meninas da equipe percebi que aquele universo tinha uma lógica que buscava homogeneizar as crianças, na perspectiva de se tornarem ginastas. Porém, até por conta das diferentes trajetórias de cada menina, identifiquei uma heterogeneidade no que se refere a como elas significavam aquele contexto. Para algumas, a Ginástica Artística representava uma possibilidade de ascensão social, como no caso de Elisa, criança proveniente de uma família pobre que conheceu a GA pela televisão. Quando perguntamos para a Elisa por que ela praticava GA, a menina respondeu imediatamente: “A Ginástica é o meu futuro”.

Assim como Elisa, embora não seja proveniente de uma família pobre, Patrícia também via na ginástica o seu futuro. Segundo seu depoimento, a menina se interessou pela ginástica por causa da reconhecida atleta Daiane dos Santos, pois via a ginasta na televisão e desejava ser como ela. Hoje Patrícia pensa em ser atleta e, após concluir sua carreira de atleta, também planeja ser treinadora de Ginástica Artística.

Em contrapartida, Míriam, colega de treino da Elisa e da Patrícia, expressava outros interesses no treino. Alguns dos seus depoimentos e mesmo de atitudes ilustram a forma ‘não linear’ com que ela vivenciava e representava a ginástica artística e a sua participação na pré-equipe. “Ainda bem que tem gente que não faz ginástica” foi dito por Míriam enquanto escalava uma corda em um dia rotineiro de treino. A corda fazia parte do treino de força e em muitos momentos era utilizada por uma das treinadoras como punição para quem não participava das atividades da forma esperada pela mesma treinadora. Com isto, com frequência as meninas deveriam “pagar” uma quantidade de cordas.

Nesse dia, Míriam não estava “pagando cordas”, mas deveria escalar duas vezes para finalizar o momento do treino em que desenvolviam a força. Ao questioná-la sobre a sua afirmação, a menina justificou dizendo que achava boa a vida de quem podia ficar em casa e não precisava treinar todos os dias. Ao ser perguntada a razão de fazer ginástica, já que pensava desta forma, a menina explicou que não foi ela quem quis fazer ginástica, mas sim sua mãe que a levou para fazer o teste.

A atleta tinha nove anos de idade no momento em que a pesquisa foi desenvolvida e iniciou na ginástica com sete anos. Foi levada pela mãe para fazer o teste na equipe porque era muito agitada e estava frequentemente fazendo acrobacias em casa³. A menina era chamada carinhosamente pelas treinadoras de “espoleta”, pois passava boa parte do treino brincando, se pendurando nos equipamentos ou conversando. Por esse motivo, sua rotina na

² Neste momento do texto os relatos serão desenvolvidos em primeira pessoa do singular por se tratar da narrativa e da experiência de campo de um dos pesquisadores.

³ Informação fornecida pela menina na entrevista e pela sua mãe em uma conversa informal.

equipe era marcada pelas chamadas de atenção das treinadoras e, em muitos momentos, a forma “espoleta” de ser da menina causava conflitos no treino.

Sobre esse aspecto, Pilotto (2010), em uma pesquisa na qual buscou entender como os corpos de ginastas eram educados na GA, percebeu a inquietude nas narrativas dos(as) ginastas que compuseram a sua pesquisa. A autora considera esse aspecto como sendo a incorporação de um discurso presente em outras esferas sociais, como a escola e a mídia. Segundo a autora: “não conseguir parar, precisar fazer exercícios para se acalmar, gastar energia e deixar livre para depois domar são algumas justificativas comuns ao se inserirem crianças e jovens em modalidades esportivas” (PILOTTO, 2010, p. 115). Para a autora, as crianças e os jovens incorporam esses discursos em suas narrativas, o que contribui para a construção de suas identidades.

Quando olhava para Míriam, via a inquietude para além dos discursos, por vezes generalizantes, presentes na sociedade atual. Embora eu tenha escutado muitas histórias – a partir das mães e das próprias ginastas – em que as meninas eram descritas como agitadas e, por isso, foram levadas para a Ginástica, e reconheça que existe um discurso de que o esporte pode canalizar energias, não percebi a inquietude como uma narrativa incorporada pela menina que justificasse a sua participação na GA.

O espaço do ginásio e o tempo do treino, ainda que bastante regrado e controlado, propiciavam às crianças o conhecimento e a exploração do corpo, assim como dos aparelhos. As próprias características da prática contribuía para esse processo. As meninas conheciam os seus corpos, suas possibilidades, seus limites, e brincavam com isso o tempo todo durante os treinos. Não foram raros os momentos em que eu via Míriam pendurada, de cabeça para baixo, saltando, correndo ou alongando entre um exercício e outro. Ao mesmo tempo, as treinadoras tentavam controlar esses movimentos, repetindo constantemente frases do tipo: “Míriam, sai daí!”; “Míriam, presta atenção!”; “Míriam, para de se pendurar na barra!”. Mas era muito difícil conter aquele corpo pequeno e ágil e não disposto a parar.

Além de espoleta, Míriam expressava insatisfação em relação às ordens que lhe eram dadas. Sobre esse aspecto, muitos conflitos que presenciei entre ela e as treinadoras ocorreram pelo fato da menina fazer cara feia enquanto as treinadoras a mandavam repetir algum exercício que havia sido realizado sem capricho ou de forma errada. Percebi que os exercícios que a menina não gostava de fazer eram os específicos de força, como os abdominais e as escaladas na corda, aos quais ela expressa pouca dedicação. Na entrevista que realizamos, a menina falou sobre os exercícios de força:

Pesquisadora: O que tu não gostas nos treinos?

Míriam: Dorsal de pernas porque a gente tem que fazer com pesinhos de 2kg.

Pesquisadora: Eu te vi fazendo hoje. Estava cansativo?

Míriam: Estava e por isso fiz bem baixinho. Ainda bem que ninguém viu. (MÍRIAM, 22/12/2014).

Em diversos momentos, enquanto as treinadoras estavam envolvidas com as outras meninas, Míriam descansava, matava exercícios, conversava e brincava. A atleta não parecia se sentir coagida em verbalizar que tinha fome, que não estava com vontade de fazer algum exercício, que estava cansada e que queria ir para casa. Enquanto suas colegas se preocupavam em não ficar paradas entre um exercício e outro, com receio de serem repreendidas pelas treinadoras, Míriam - sem muito constrangimento - deitava no ginásio para descansar.

Em um campeonato importante que acompanhei em Guarulhos/SP, a atleta foi motivo de preocupação por parte das treinadoras, pois a menina se mostrou muito agitada e desobediente. Era evidente que a menina estava animada com a viagem, pois tudo parecia

novidade. Porém, não era só isso que ocorria: Míriam expressava outros interesses para além da ginástica.

As meninas chegaram em Guarulhos/SP alguns dias antes da competição, pois deveriam treinar no ginásio em que iriam competir para se acostumarem com os aparelhos e o ambiente. Em um dos treinos que antecedeu esta competição, Míriam se dirigiu a mim e disse, de forma empolgada, que achava que o treino terminaria cedo naquele dia e que talvez elas pudessem ir para a piscina do hotel. Na entrevista confirmei o que havia observado:

Pesquisadora: O que tu achaste da competição lá em SP?

Míriam: Muito boa, ainda mais o hotel, né!

Pesquisadora: De um modo geral, o que tu mais gostaste da competição?

Míriam: Eu gostei do hotel, eu gostei dos quartos! Os quartos eram mais ou menos iguais, mas alguns tinham cama de casal e algumas tinham camas normais. Eu fiquei com vergonha de ficar no mesmo quarto da treinadora. Eu queria ficar no quarto com as gurias.

Pesquisadora: Que mais que tu gostaste da viagem?

Míriam: Gostei que a gente começou a ir bem alto lá no avião, me deu frio na barriga.

Pesquisadora: Tu nunca tinhas andado de avião?

Míriam: Nunca! (MÍRIAM, 22/12/2014).

Mesmo eu insistindo para que a menina falasse sobre a competição, para Míriam o hotel, os quartos, a piscina e o avião pareciam mais interessantes. Diferente da Míriam, algumas meninas da pré-equipe responderam a pergunta dizendo que o que mais haviam gostado da viagem para Guarulhos/SP era a competição. A diferença de centralidade que a competição tinha para cada menina ficou ainda mais evidente quando as atletas souberam do resultado final dos seus desempenhos individuais. Míriam não ficou bem colocada no ranque individual, mas não se mostrou decepcionada ou triste com a situação. Já Elisa, que ficou em uma posição acima da Míriam, chorou após a competição. Suas colegas de equipe, querendo consolá-la, disseram que Míriam, mesmo tendo mais tempo de ginástica que Elisa, ficou mal colocada e não estava preocupada.

Nesse dia, percebi claramente a diferença de significado que aquela competição tinha para a Elisa e para a Míriam. Elisa demorou algum tempo para se animar depois da competição, e quando conseguiu, brincou sozinha no ginásio fazendo exercícios de força, pois dizia que precisava ficar mais forte. Míriam, mesmo tendo o pior desempenho da equipe, estava animada, brincando com as suas colegas de equipe e comendo pipoca com a sua mãe na arquibancada, embora essa atitude não fosse aprovada pelas treinadoras, pois os cuidados com a alimentação eram rigorosos.

No mesmo dia, após a competição, as meninas deveriam permanecer no ginásio até o fim das apresentações, pois, segundo as treinadoras, faz parte da formação das atletas da pré-equipe assistir outras crianças competirem. Enquanto suas colegas assistiam ao campeonato, Míriam estava sentada no meu lado conversando sobre diversos assuntos. Após falar bastante, deitou a cabeça no meu colo, como que pedindo carinho. Nesse momento, uma das meninas da pré-equipe perguntou se Míriam havia visto a queda de uma das atletas. Ao responder que não, Míriam foi repreendida pela colega, pois, segundo essa, Míriam deveria estar prestando atenção na competição ao invés de estar conversando. Assim que a colega voltou sua atenção novamente para a competição, Míriam exclamou: “Eu não quero ver competição alguma, estou cansada e não aguento mais”. A menina estava ansiosa para ir ao shopping, passeio prometido pela treinadora após a competição.

Além dessas exigências, as meninas também possuíam uma série de restrições, dentre elas estavam as alimentares. Sobre este aspecto, Míriam também era alvo da atenção das

treinadoras, pois a menina se alimentava além do que as treinadoras consideravam apropriado para uma ginasta. Na viagem para Guarulhos/SP, o controle da alimentação das meninas era intenso por parte das treinadoras. No dia em que partimos para a competição, marcamos o encontro no aeroporto de Porto Alegre/RS, às 5h30. Logo que chegamos avistamos Míriam comendo um pão e tomando leite, porém ela fazia isso tentando esconder da treinadora. Sua mãe, percebendo que ela estava se escondendo, disse que não precisava agir daquela maneira. No entanto, ao ver a cena, a treinadora a repreendeu: “Tu já estás comendo?”.

Sobre as manobras e as formas de apropriações do treino

A partir das narrativas acima, é possível perceber que o contexto esportivo em que as ginastas estavam inseridas era caracterizado pelas restrições, disciplina e empenho. Essas características também foram identificadas por Gonçalves (2007) em um estudo sobre duas práticas corporais: o Balé e o Atletismo. Partindo do pressuposto de que essas são práticas que educam o corpo, no sentido de redimensioná-lo, defini-lo e potencializá-lo, a autora buscou compreender como atletas e bailarinas formam-se subjetivamente a partir de uma pedagogia corporal. Orientada por esse objetivo, a autora identificou alguns elementos que - segundo ela - faziam parte da formação de atletas e bailarinas, dentre os quais destacamos o aspecto masoquista e a falta de ludicidade.

Sobre o primeiro, a autora aponta um sentido masoquista presente nas práticas investigadas, em que os excessos são tolerados e há o predomínio de um discurso e uma prática disciplinadora. Com base nessa análise, bailarinas e atletas são identificadas como pessoas obedientes e submissas a uma educação rígida. Sobre a falta do componente lúdico, em especial no caso do Atletismo, isso é apontado pelo fato de esse esporte não se materializar na forma de jogo e por não haver a presença da bola, aspectos que, segundo a autora, tendem a aumentar o sentido de sofrimento dos atletas, uma vez que o trabalho é repetitivo, técnico e solitário.

Diferente do que foi apontado pela autora, Míriam não parecia submissa a todas as ordens impostas pelas treinadoras e encontrava maneiras de manobrar a lógica de rendimento e de disciplina do treino, brincando com os movimentos da ginástica, se apropriando dos equipamentos para criar novas maneiras de se movimentar e desfrutando dos passeios e das viagens com a equipe manifestando interesses para além da ginástica.

Cohn (2005) afirma que, de acordo com a margem de manobra que o contexto social permite às crianças, essas constroem as relações sociais que farão parte das suas vidas. A autora destaca que a “margem de manobra” não significa uma subversão ou manipulação do sistema, mas, sim, algo que faz parte dele. Desse modo, a criança atua para o “estabelecimento e a efetivação de algumas relações sociais dentre aquelas que o sistema lhe abre e possibilita” (COHN, 2005, p. 28).

Assim, ao mesmo tempo em que Míriam tensionava a autoridade das treinadoras e as normas presentes naquele contexto, a menina, dentro das suas possibilidades, se apropriava dos treinos e atribuía sentidos para a sua prática e as suas experiências como atleta de Ginástica Artística.

Porém, diante de tantos conflitos e das chamadas de atenção das treinadoras em relação ao comportamento da menina, questionamos: por que esta menina permanece frequentando os treinos? A partir deste questionamento, buscamos mais elementos para compreender as razões que levam a menina a continuar treinando ginástica artística. Para entender esta questão, expomos abaixo um trecho da entrevista realizada com a menina:

Pesquisadora: O que tu não gostaste da viagem?

Míriam: Quando eu, a Elisa e a Maria sentamos juntas e a Soraia (professora de balé) sentou no banco da frente. Uma mulher estava do lado dela.

Pesquisadora: No avião?

Míriam: Sim! Daí eu não estava chutando a cadeira, mas a Soraia achou que eu estava chutando e ficou me xingando. A coordenadora conversou comigo e disse que se eu não fizesse as coisas direito ou vou sair do grupo, ou vou para outro grupo ou vou sair da ginástica. Daí ela disse que quando nós formos viajar novamente ela vai junto e se eu não me comportar não sei o que vai acontecer.

Pesquisadora: E aí, o que tu achas disso?

Míriam: Ruim!

Pesquisadora: Por que tu achas ruim?

Míriam: Porque daí eu vou ficar em outros grupos e se eu ficar em outros grupos daí sim vou sair da ginástica. Assim sim! (MÍRIAM, 22/12/2014)

Conforme o relato, ainda sobre a viagem para Guarulhos/SP, as treinadoras se sentiram incomodadas com a desobediência e o agito da Míriam durante a viagem. Diante do ocorrido, o caso foi levado para a coordenadora da GA do clube, a qual teve uma conversa com a menina afirmando que Míriam iria ser trocada de equipe se não se comportasse adequadamente.

Nos momentos em que Míriam pensou em sair da ginástica, principalmente em função da forma autoritária com que uma das treinadoras a tratava⁴, a menina relatou sentir “medo” e “vergonha” de dizer para a sua mãe que gostaria de sair da ginástica. Porém, como é possível ver no fragmento acima, quando a ideia é sair do grupo e ir para outro, Míriam parece decidida a desistir dos treinos, isso porque, segundo a atleta suas melhores amigas estão na pré-equipe.

Nas entrevistas, as atletas relataram que os momentos de lazer durante a semana são bastante restritos, dificilmente as meninas conseguem sair com amigas ou até mesmo se reunir com colegas da escola para fazer trabalhos. Por este motivo, as ginastas se relacionam muito umas com as outras, sendo o clube, as viagens e as competições os principais locais e momentos de sociabilidade. As relações entre as ginastas da equipe eram bastante estreitas, pois também frequentavam com frequência as casas umas das outras. Esse aspecto nos faz pensar que o contexto de treinamento esportivo pode significar mais do que um lugar onde corpos são formados para o alto rendimento e onde as meninas buscam ser boas ginastas.

Considerações finais

Míriam é um caso que se destaca na equipe por expressar contrariedades que muitas vezes parecem ausentes em um contexto de treino extremamente controlado e regrado. Por que a menina permanece frequentando os treinos, uma vez que se sente cansada e contrariada em muitos momentos? Esta foi uma questão presente enquanto observávamos a forma como Míriam levava a sua rotina de treinos. Se tivéssemos ficado satisfeita com as respostas aos primeiros contatos com Míriam, talvez disséssemos que ela treinava por ser 'obrigada' pela sua mãe. Porém, ao olharmos aquele contexto 'de dentro', outras respostas ampliaram a nossa compreensão.

A partir do convívio com a equipe foi possível perceber que o treino de alto rendimento pode representar também um espaço que permite a vivência de momentos como viajar de avião, conhecer outras cidades e outras realidades culturais, aspectos valorizados por Míriam e que talvez não fossem possíveis sem a intermediação do clube esportivo e da prática

⁴ Informação fornecida pela menina na entrevista.

da Ginástica em alto nível. Como afirmou uma das treinadoras, ser atleta de ginástica artística proporciona muitos aprendizados que extrapolam as fronteiras do ginásio.

Além disso, um dos aspectos que fazia com que Míriam permanecesse frequentando os treinos eram os vínculos de amizade que ela construiu com suas colegas de equipe. Isto porque, apesar das restrições e da rotina extensa dos treinos de ginástica artística, segundo a menina, o que a faz ter “coragem” de falar para a sua mãe que não gostaria de continuar treinando é a possibilidade de ter que trocar de equipe ou mesmo de prática esportiva. Desta forma, para essa menina a Ginástica Artística está fortemente pautada pelas as amigas que foram construídas, o que nos leva a considerar que o treino acaba por ser um importante espaço de sociabilidade para ela.

Outro aspecto a refletir a partir deste caso é sobre o protagonismo das crianças na construção das suas relações. Embora o contexto esportivo em que Míriam treinava fosse, em diversas situações, intimidador e não possibilitasse muitos diálogos, mesmo lá ela era capaz de agir - dentro de limites - conforme as suas vontades, dizendo o que não lhe agradava e manobrando algumas situações. É possível, então, olhar para a menina, e para as outras meninas, como alguém que faz escolhas dentro das possibilidades que lhes são dadas e que não ocupa meramente uma posição passiva diante das imposições que lhes são colocadas.

A partir deste caso, podemos questionar algumas das críticas feitas ao esporte de alto rendimento, como a busca desenfreada pela vitória, a passividade das crianças atletas e das suas impossibilidades de brincar e vivenciar suas infâncias. Diferente disso, é possível afirmar que Míriam, assim como as suas colegas de treino, vivenciava uma outra infância na Ginástica Artística, marcada, sim, pela disciplina e restrições, mas também pela possibilidade de brincar com os limites do seu corpo, estreitar laços de amizade e ampliar as suas experiências culturais.

CHILDREN OF TRAINING FOR HIGH-PERFORMANCE SPORT: ON 'OPERATIONS' AND DIFFERENT APPROPRIATIONS OF DRILLS

Abstract

This work seeks to understand 'how' and 'why' a particular child remains in a Artistic Gymnastics team aimed at high performance. From systematic observations during nine months in training routine the gymnast and the realization of one semi-structured interview with the same, it was possible to identify four aspects about the way this experiencing the training: 1) testing the limits and possibilities of movements your 'gymnast' body; 2) participation 'not passive' in training, marked by tensions; 3) building friendships ties; 4) experiences beyond sports. Based on the results of the study, we questioned some criticism present in Physical Education on the high performance sport in childhood.

Keywords: Child; Childhood; Artistic Gymnastics; High Performance Sport.

LA FORMACIÓN DE NIÑOS PARA EL DEPORTE DE ALTO RENDIMIENTO: SOBRE 'OPERACIONES' Y DIFERENTES ASIGNACIONES DE LOS ENTRENAMIENTOS

Resumen

Este trabajo busca comprender "cómo" y "por qué" un niño en particular permanece en un equipo de gimnasia artística dirigida a un alto rendimiento. A partir de observaciones sistemáticas durante nueve meses en la rutina de entrenamiento de gimnasta y la realización

de una entrevista semiestructurada con el mismo, fue posible identificar cuatro aspectos acerca de la forma en que esta experimentando la formación: 1) a prueba los límites y posibilidades de movimientos su cuerpo 'gimnasta'; 2) la participación 'no pasiva' en el entrenamiento, marcado por las tensiones; 3) fomento de la amistad lazos; 4) experiencias más allá de los deportes. Con base en los resultados del estudio, nos preguntamos acerca de algunas críticas presente en la educación física en el deporte de alto rendimiento en la infancia.

Palabras clave: Niño; Infancia; Gimnasia Artística; Deporte de Alto Rendimiento.

Referências

BOAVENTURA, P. L. B. **Técnica, dor, feminilidade:** educação do corpo na Ginástica Artística. 2011. 180f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BÖHME, M. T. S. O tema talento esportivo na ciência do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. 15(1): 119-126. 2007.

BURGESS, R. G. **A Pesquisa de Terreno:** uma introdução. Portugal: Celta, 1997.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. Crescendo com um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá. **Rev. Antropol.** v.43 n.2 São Paulo, 2000.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

KUNZ, E. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. **Revista Movimento**, v.1, n.1, p. 23-28, 1994.

GONÇALVES, M. C. **Corpos e Subjetivações:** o domínio de si e suas representações em atletas e bailarinas. 2007. 124f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Educação do corpo, dor, sacrifício: um estudo com competidores de atletismo, **Revista Ibero-americana de Educação**, n. 58, p. 1-10, jan. 2012.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

PILOTTO, F. M. **Educação Corporal de Atletas da Ginástica Artística**. 2010. 164f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. (Org.). **Esporte de Rendimento e Esporte na Escola**. 1 ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2009.

TORRI, D.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar, **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 499-512, set./dez. de 2007.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma**. Rio de Janeiro: Reume Dumará, 2002.

Recebido em: 21/07/2015

Revisado em: 11/12/2015

Aprovado em: 04/01/2016

Endereço para correspondência:

venutodefreitas@gmail.com

Maitê Venuto de Freitas

Av. Paulo Gama, 110

Bairro Farroupilha

Porto Alegre Rio Grande do Sul

CEP: 90040-060